



América Latina ou *morte*

“Orestéia - O Canto do Bode” é a maneira como os brasileiros do Foliás vêem a tragédia latino-americana, agora que tudo mudou para ficar na mesma (500 anos depois, este continente ainda é uma história de colonizadores e colonizados).

Até dia 21, essa tragédia é nossa. *Inês Nadais*

Teatro

A América Latina é tudo na vida para os brasileiros do Foliás: eles têm uma maneira de olhar para o mundo e não ver mais nada a não ser esse continente que não é um continente, é um caso de vida ou morte (um caso perdido, diríamos, mas não vamos falar do passado: um dia a América Latina também pode ser tudo na vida para nós, é este o espírito).

Isto que temos pela frente agora com “Orestéia - O Canto do Bode” - isto que é a tragédia da América Latina, e que é também, finalmente, a resposta à pergunta que fazem todos os latino-americanos, pelo menos desde a “Conversa na Catedral” de Mario Vargas Llosa: quando foi que a

América Latina se fodeu? - é aquilo que eles têm pela frente desde 2003, ano em que acharam que onde se lia Otelo devia passar a ler-se Lula da Silva, e que onde se lia Lula da Silva devia passar a ler-se Brasil, ou América Latina. “A gente tinha que voltar a discutir profundamente o Brasil e a América Latina. Não é à toa que a partir do ‘Otelo’ [produção que encerrou o FITEI há dois anos] a gente começa um treinamento que vai desembocar depois na ‘Orestéia’ [produção que encerra o FITEI este ano, com espetáculos hoje e amanhã às 21h30, no Mosteiro de S. Bento da Vitória, e que segue dia 12 para o Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, e dia 20 para





Panela de pressão

A "Orestéia" também tem isso, diz Dagoberto Feliz. Toda a América Latina, passado, presente e futuro, está nestas três horas e meia que dão conta do princípio e do fim de tantas coisas (e que constituem, simultaneamente, uma história política e uma história cultural do continente). O populismo das décadas de 50 e 60 está em "Agamémnon", o primeiro capítulo da trilogia, com a industrialização, as campanhas nacionalistas, e depois o suicídio sacrificial de Getúlio Vargas, tudo em formato radiofónico. As ditaduras militares das décadas de 70 e 80 estão em "Coéforas", a segunda parte: "Somos os senhores desta casa, connosco tudo vai entrar na ordem", diz Clitmenestra, e de facto a América Latina entrou na ordem, mas também entrou, mais ou menos clandestinamente, na resistência armada e no cinema brasileiro desse "local hero" que foi Glauber Rocha. E a redemocratização da década de 90 está em "Orestes", a terceira peça: a liberdade está na rua, sim, mas "a esperteza das elites" "is watching you," e a televisão é ópio do povo.

Não foi preciso mudar muito o texto para pôr lá dentro a América Latina (foi preciso construir uma narrativa sonora e videográfica paralela que sinalizassem esse espaço-tempo particular): ela praticamente já lá estava. Para todos os efeitos, o Foliás não está a montar uma tragédia grega com 2500 anos sobre a passagem do paradigma da justiça de sangue ao paradigma do Estado de direito - está a montar a tragédia contemporânea da América Latina. Nunca saberemos se esta "Orestéia" se cumpriu ou não, como nunca saberemos se a América Latina se alguma vez se vai cumprir: "Este espectáculo é muito precário. Não se percebe se é um ensaio ou uma produção acabada. É como uma casa assombrada que pode ruir a qualquer momento - mas que também pode assombrar o resto do mundo. A América Latina é isso, uma casa assombrada. Tem essa promessa de poder vir a ser qualquer coisa, mas na verdade nunca se cumpre", diz ao Ípsilon Marco António Rodrigues.

O Brasil também não. "Durante 500 anos houve um pacto de elite na governação do Brasil. Podia ter sido rompido pelo Lula, que tinha um pacto com a classe trabalhadora. Na verdade o Lula veio legitimar o que já existia - como a deusa Atena, na última peça da trilogia. Ao determinar quais são os cidadãos que podem julgar Orestes, ao anunciar que em caso de empate ela desempata a favor dele, Atena dirige todo o julgamento. A sentença está instituída à partida, a participação dos cidadãos serve apenas para legitimar, aos olhos da opinião pública, um facto consumado", diz Marco António Rodrigues.

Sim, isto é a tragédia da América Latina, mas também é a tragédia da Europa, argumenta o encenador da "Orestéia": "Veja o Tratado de Lisboa. Se a Irlanda votar não, compromete todo o processo, porque o processo está feito para dispensar os cidadãos. Não é suposto que os cidadãos decidam, só é suposto que eles legitimem." Estão aqui para isso - e a TV Globo também: "Chegamos a este ponto em que deixámos de ser colonizados e passámos a ser coloni-

zadores. Mas aquilo que exportamos é um subproduto do que em tempos importámos - e um subproduto determinante na manutenção do estado das coisas. A TV Globo é o maior pólo privado de televisão no mundo - e é a instância que determina a moralidade pública, o politicamente correcto. O espaço público brasileiro continua sedado pela ditadura económico-mediática da Globo, que substituiu a ditadura militar com tanto sucesso."

Os brasileiros fizeram alguma coisa para merecer isto - todos os brasileiros. "Estamos a julgar o papel da televisão, mas também estamos a julgar o nosso papel, até como artistas. Não aceitaríamos matar as nossas mães, mas aceitaríamos fazer um comercial. Os artistas têm sido determinantes na manutenção deste sistema porque se uniram para combater a ditadura e agora estão parados, como se vivessemos num mar de rosas", explica Marco António Rodrigues (e isto é todo o terceiro acto). Não vivem: "Se o Lula quiser fica lá 50 anos, porque pegou numa massa enorme de excluídos e transformou-os em consumidores. Economicamente tirou-os da miséria, culturalmente manteve-os na indigência. Não fez nada: abriu bancos populares, generalizou o crédito, mas isso vai estoirar lá na frente. Vamos empurrando todas essas coisas com a barriga, mas é uma panela de pressão."

A desobediência segue dentro de momentos

Isto é o sítio onde estamos. O que eles querem saber é como chegámos aqui - e para onde é que vamos a seguir. "Onde vão parar as grandes ambições, os grandes sonhos? É uma coisa que está muito em 'Portugal, Hoje - O Medo de Existir', do José Gil. Ele mostra como o ressentimento, o medo, a desilusão passam a ser estruturas ideológicas que substituem as grandes narrativas comunitárias do passado. O que é que isso gera nos jovens?", pergunta Marco António Rodrigues.

O que é que isso gera no Foliás?, perguntamos nós, depois de termos que Dagoberto Feliz acha que a "Orestéia" é o fim de qualquer coisa, depois de termos que o livro sobre o grupo acaba assim: "A desilusão com o governo Lula (...) talvez venha a encaminhar o Foliás para uma perspectiva mais radical (...). 'Orestéia' é o resultado desse impasse: não já a esperança, ainda que amargurada, de 'El Dia que Me Quieras', mas um cepticismo individualista". "Estamos a trabalhar numa coisa chamada 'Exodus', que é o último movimento do coro no teatro clássico - uma saída de cena, portanto. As instituições já não nos interessam. Interessa-nos o indivíduo que saiu daqui, interessa-nos saber do que ele é capaz", responde Marco António Rodrigues. Interessa-lhe pensar, e agora isto é uma coisa mais dele do que do grupo, que o indivíduo que saiu daqui é capaz de tudo. "Há uma reserva transgressora no indivíduo que começa a aparecer, mas ainda sem força para praticar a desobediência civil: as pessoas fazem uma manifestação, mas primeiro pedem autorização. É preciso que as pessoas voltem a acreditar que divergir é fundamental."

Lá do sítio de onde eles vêem - um galpão no bairro de Santa Cecília, uma das áreas mais degradadas do centro de São Paulo -, os brasileiros do Foliás acreditam que a "Orestéia" pode servir para refazer o mundo, antes que a definitiva noite caia em cima da cabeça da América Latina. Não sabem, não querem saber e têm raiva de quem sabe fazer teatro sem fazer política.

Ver agenda de teatro pág. 40 e 41

O Teatrão, em Coimbra; não é à toa que a gente volta a ler "Raízes do Brasil", do Sérgio Buarque de Holanda", explicou Reinaldo Maia, um dos fundadores do Foliás, ao crítico do PÚBLICO Jorge Loureiro Figueira, autor de "Verás que Tudo é Verdade - Uma Década de Foliás (1977-2007)", volume editado em Abril deste ano.

O "Otelo" deles foi isso: Lula da Silva a trepar pelo Brasil acima, tudo a mudar, mas tudo a mudar para ficar na mesma. "O Lula foi eleito, a gente já tinha a perfeita ideia de que eleger um presidente num país hoje, numa situação globalizada (...), é uma mentira, você vai eleger o que as transnacionais querem. No fundo, elas vão induzir você a eleger o melhor gerente para os seus negócios. Então a gente achou, lendo o 'Otelo' (...), que se o Lula não tomasse cuidado ele ia ser usado como o Mouro foi usado e depois jogado fora", continua Reinaldo Maia, que fez a dramaturgia do espectáculo.

Aconteceu o que eles imaginavam. Acontece sempre, acrescenta Dagoberto Feliz, o corifeu desta "Orestéia": "O Foliás é sempre meio premonição (...). Tudo o que o Foliás faz que tem direcção do Marco [António Rodrigues] acaba acontecendo dali a uns dois anos, no máximo. Às vezes em menos tempo. 'Otelo' apontou Lula antes de ele estar, 'Babilónia' apontou uma discussão que depois [São Paulo] começou a ter sobre a mendicância do teatro. O Marco tem esse dom profético, os espectáculos do Foliás têm esse dom profético. Falam assim: isso vai dar merda daqui a dois anos."

